

“Aos dez anos, queria fazer capas de livros.”

Cândida Teresa Ruivo nasceu em 1955, em Portimão e, em 1962, mudou-se com o pai para a cidade de Nampula, no nordeste de Moçambique. “Um gosto compulsivo pela leitura, desde pequena, levou-me à paixão pelos livros e pelas suas capas, que me deixavam antever o que se guardava dentro daqueles maços de folhas preenchidas por milhares de letrinhas”. Motivada pela leitura, pelo gosto em contar histórias e pelo desenho, chegou a Lisboa em 1975, à Escola Superior de Belas-Artes, com o 25 de Abril ainda fresco, para estudar Escultura. Encontrou um edifício em condições decrépitas, mas também um ambiente dinâmico com cheiro de mudança. “Nesse tempo, a vida na ESBAL era um sobressalto bom”. Sem vontade de prosseguir uma carreira artística, decidiu deixar a escultura e ingressar no recém-criado curso de Design onde “podia dar resposta a questões práticas, com criatividade, com desenho e... até podia fazer capas de livros”. Aluna da primeira licenciatura em Design de Comunicação em Portugal, começou o curso com cerca de 14 colegas e terminou-o com apenas 5.

Num momento tão próximo do 25 de Abril, os movimentos associativos tinham um carácter prático e social muito acentuado. O envolvimento de Cândida Teresa Ruivo na Associação de Estudantes proporcionou-lhe o seu primeiro projecto editorial enquanto designer da revista *ArteOpinião*. Este projecto editorial irreverente, com 16 números publicados em 4 anos, foi desenhado por Cândida Teresa Ruivo, Rui Cochofel e Eduardo Coutinho, entre outros. Com base nesta experiência editorial, e logo após ter terminado a licenciatura, começou a trabalhar em jornais (como *PortugalHoje* ou o semanário *Expresso*) até que fundou, em 1984, com um grupo de colegas, o icónico semanário *BLITZ*.

Nas suas palavras, “quando começámos o *BLITZ* não tínhamos a certeza de que iria ser uma publicação com sucesso e vivíamos sem saber o que nos esperava na semana seguinte. Por alguma razão misteriosa, ganhei o hábito de colocar na parede a capa sempre que finalizávamos um número. Só me apercebi que já fazíamos o *BLITZ* há muito tempo, quando olhei em volta e reparei que já não havia espaço nas paredes para pôr mais capas”. Ao contrário das reservas

iniciais, o *BLITZ* foi, de facto, um jornal extremamente popular. Além de refletir um sentimento de liberdade cultural e marcar a contracultura das gerações mais jovens, abria também uma janela ao mundo da produção musical nacional e internacional numa altura em que não era fácil aceder a esse tipo de informação por outros meios. Como forma de estabelecer um contacto direto com os leitores, o *BLITZ* criou a seção de Pregões e Declarações — um “chat” participado onde os leitores eram convidados a enviar frases que podiam vir a ser impressas. Das frases recebidas, a redação escolhia e publicava na capa aquela que sintetizava o estado de espírito da semana ou algum acontecimento digno de nota. Cândida Teresa Ruivo ofereceu-se para escolher a melhor frase semanal. Subestimando a quantidade de leitores do jornal, o que inicialmente parecia ser uma tarefa simples tornou-se num esforço titânico, pois o número de frases crescia acompanhando o amadurecimento da audiência. Os sacos de cartas que se acumulavam confirmavam o quanto o *BLITZ* estava a crescer no coração de quem o lia.

Cândida Teresa Ruivo dirigiu o *BLITZ* durante 17 anos, desenhando cerca de metade das quase mil capas e inúmeras páginas interiores, captando um momento único na paisagem cultural de um país em desenvolvimento, chegando a uma audiência vasta e fiel. No entanto, a insistência da história do design em procurar uma narrativa de progresso, na qual um projecto leva a outro, resultando num portfólio variado e consistente, faz com que um projeto desta amplitude, ainda que se prolongue por duas décadas, não seja suficientemente relevante aos olhos de quem escreve a história. Após um longo e intenso período de trabalho editorial, Cândida Teresa Ruivo regressou à escola para fazer um mestrado, retomando a sua atividade como professora, que exerceu sempre, em paralelo com a atividade gráfica.. Se é verdade que tinha uma paixão por fazer jornais, consciente do seu potencial para comunicar com uma audiência jovem, também se apaixonou rapidamente pelo projeto educativo, atividade à qual se consagra até hoje com muita dedicação. “Nunca fiz uma capa de um livro” constata Cândida Teresa Ruivo, mas isto não é motivo para que a história não reconheça a importância da sua carreira e do seu trabalho. *Isabel Duarte, 2021*